



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 11, Issue, 11, pp. 52119-52123, November, 2021

<https://doi.org/10.37118/ijdr.23503.11.2021>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DE MULHERES COM QUEIXA DE RELACIONAMENTO ABUSIVO ATENDIDAS NO SEPSI

Priscylla Alves Santana^{1,*}, Jackeline Martins Lopes¹, Tânia Maria Lago², e Wildson Cardoso Assunção³

¹Discentes do curso de Psicologia da Universidade de Gurupi

²Psicóloga, Professora Mestre do Departamento de Psicologia da Universidade de Gurupi

³Psicólogo, Docente do Departamento de Psicologia da Universidade de Gurupi

ARTICLE INFO

Article History:

Received 04th August, 2021

Received in revised form

16th September, 2021

Accepted 20th October, 2021

Published online 30th November, 2021

Key Words:

Relacionamento Abusivo,
Violência, Mulheres, Dependência.

*Corresponding author:

Priscylla Alves Santana

ABSTRACT

O relacionamento abusivo é caracterizado pelo vínculo afetivo que há entre a vítima e o agressor. E nessa relação existem violências diversas, entre elas: a violência psicológica, moral, patrimonial, física e sexual. Desse modo, o objetivo é Identificar o perfil sociodemográfico de mulheres que sofreram relacionamento abusivo e que buscaram o SEPSI para atendimento psicológico. A pesquisa foi realizada através de análise documental no Serviço Escola de Psicologia (SEPSI) da Universidade de Gurupi -TO, onde são efetuados atendimentos psicológicos à comunidade sem custos. Ao final desta pesquisa foi possível observar que a maior parte das mulheres que estavam em um relacionamento abusivo possuem alguma atividade laboral, o nível de escolaridade não é baixo e a maioria tem 2 filhos. Portanto, a pesquisa atingiu seus objetivos primários e secundários, com relação ao perfil dessas mulheres, que apresentaram oposição ao que se esperava.

Copyright © 2021, Priscylla Alves Santana et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Priscylla Alves Santana, Jackeline Martins Lopes, Tânia Maria Lago and Wildson Cardoso Assunção. "Perfil Sociodemográfico de Mulheres com Queixa de Relacionamento Abusivo Atendidas no Sepsi", *International Journal of Development Research*, 11, (11), 52119-52123.

INTRODUCTION

O relacionamento abusivo segundo Cunha (2018) é uma relação que apresenta abuso tanto de ordem física quanto emocional onde um dos parceiros tenha comportamento abusivo sobre o outro com a finalidade de obter o controle e posse sobre o mesmo. As mulheres estão frequentemente mais sujeitas a vivenciarem relacionamentos abusivos, pois como se trata de uma violência muitas vezes silenciosa para a sociedade, fatores culturais como machismo, o poder do homem nas relações e sua força de trabalho tornam as mulheres mais suscetíveis a serem submissas aos homens, sendo uma relação de desigualdade entre os dois, colocando o homem como dominante de todo o poder nas relações (CUNHA, 2018). Por muito tempo a violência doméstica esteve deslocada a uma parte ignorada da sociedade, havendo inclusive uma frase popular que dizia que "em briga de marido e mulher não se mete a colher", uma clara referência de que ninguém deveria interferir, porém essa violência se tornou cada vez mais frequente e evidente ao longo dos anos, e devido aos danos psicológicos e físicos, muitas vezes levando a pessoa a mortes violentas, esses fatos se tornaram cada vez mais discutidos pela sociedade, levando a adoção e elaboração de políticas públicas para reduzir o problema (DA ROCHA; RODEGHERI; DE ANTONI, 2019). Para que essas políticas públicas e discussões sobre o assunto

ganhem notoriedade científica é necessário compreender quem são as vítimas, para isso, uma das maneiras mais eficientes de identificar para intervir é por meio do levantamento das características sociodemográficas de cada região. Essas características são abordadas em pesquisas científicas e jornalísticas e geram um aumento quanto à visibilidade do tema, com a finalidade de propor uma conscientização da sociedade, além de levantar questões em que o poder público venha a formular políticas públicas com o intuito de que a situação seja amenizada ou até mesmo extinta e proporcionar um conhecimento sobre quais áreas são afetadas para que tanto no meio doméstico quanto institucional sejam punidos os agressores (MOURA; NETTO e SOUZA, 2012). De acordo com o Ministério da Mulher na passagem de 2018 para 2019 houve um crescimento exacerbado no índice de violência contra as mulheres com idade a partir dos 15 anos, o que acarretou um aumento de 74,6% nos casos de feminicídios no Brasil. Segundo Moura, Netto e Souza (2012) mulheres entre 15 e 44 anos apresentam maior índice de sofrerem violência. E mulheres com baixo nível de escolaridade são as que sofrem em relações abusivas. Em relação ao estado civil, observa-se que a maioria das mulheres são solteiras e não possui uma relação conjugal, porém possui companheiro, no entanto a relação não é estável. Por estes motivos estas mulheres se sentem vulneráveis, impotentes, dependentes financeiramente e se submetem ao agressor. As que são casadas encontram-se em uma situação em que o parceiro acredita ser

proprietário da mesma e dessa forma, acha que tem o direito de agredi-la. Nas ocupações laborais, verifica-se que a maioria das mulheres que sofrem em um relacionamento abusivo, dependem financeiramente dos seus parceiros. Todavia, algumas mulheres que exercem atividades laborais também mantêm relacionamento abusivo, mas o número é relativamente pequeno (MOURA; NETTO ESOUZA, 2012). Os dados das pesquisas que tratam desse tema são normalmente retirados de delegacias especializadas ou de processos judiciais, no entanto, existem outras fontes de dados que podem ser buscadas com a finalidade de levantar o perfil mais estabelecido, postos de saúde, hospitais, e serviços de intervenção em saúde oferecidos por universidades. O perfil das mulheres vítimas de violência doméstica pode variar conforme os Estados e realidades sociodemográficas. Nesse sentido, justifica-se a relevância científica e social da presente pesquisa para subsidiar dados relativos à comunidade pesquisada. Diante dos episódios de violência em relacionamentos abusivos que apresentam aumento na sociedade o objetivo principal dessa pesquisa foi identificar o perfil sociodemográfico das mulheres que foram atendidas no SEPSI (Serviço Escola de Psicologia) da Universidade de Gurupi - UnirG que manifestaram queixas de estarem em relacionamentos abusivos, com a finalidade de que o estudo possibilite uma visão desse perfil, contribuindo para que o curso de Psicologia possa elaborar ações futuras que visem intervir nesses casos, bem como preparar os acadêmicos e futuros psicólogos.

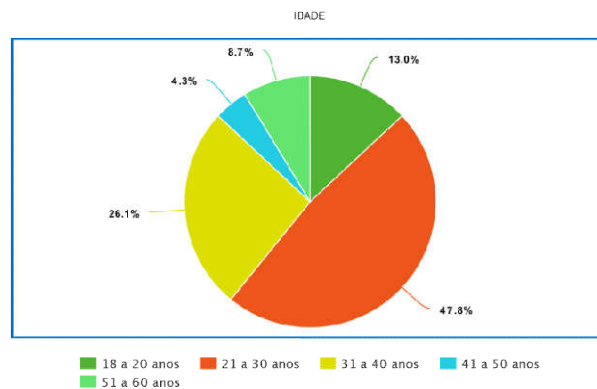
METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada no Serviço Escola de Psicologia (SEPSI), da Universidade de Gurupi, Estado do Tocantins, local onde são realizados atendimentos psicológicos à comunidade por psicólogos em formação e supervisionados. A pesquisa foi efetuada no período de agosto a outubro do ano de 2021. Foi uma Pesquisa de Campo, Descritiva de caráter documental que segundo Gil (2002) seu objetivo principal é descrever as características de certos grupos ou fenômenos. Depois que foi evidentemente aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Gurupi e foi autorizada pelo Gestor da instituição com o número CAAE 43858721.4.0000.5518. A população estudada foram prontuários de triagem de mulheres que buscaram atendimento psicológico com queixas de vivência de relacionamento abusivo, de pessoas do sexo feminino, com faixa etária a partir dos 18 anos, que foram atendidas entre os anos de 2018 a 2020, o procedimento metodológico utilizado para realizar a coleta de dados foi examinar nas fichas de cada paciente que obedeceu aos critérios de inclusão, a queixa principal, idade, cidade onde reside, bairro, se pratica alguma atividade laboral, profissão, estado civil, grau de instrução, quantidade de filhos, religião, se foi acompanhada por alguém, se foi encaminhada por alguma instituição e se usa algum medicamento. Dentre as amostras que foram estudadas, os critérios que foram excluídos durante o processo de pesquisa foram: prontuários que não tiveram o TCLE assinado e anexado, prontuários que tiveram queixas que não foram do assunto abordado: relacionamento abusivo, prontuários de mulheres que tiveram idade inferior a 18 anos, bem como as que foram atendidas fora do recorte temporal (2018 a 2020). Embora não houve nenhum contato com os sujeitos, considerou-se o risco mínimo, pois a queixa dos prontuários foi identificada, mas todo o cuidado foi realizado para que nenhum nome e dados de identificação fossem divulgados, portanto somente os pesquisadores manusearam os prontuários no próprio local da pesquisa, em horário previamente agendado com a gestão do local, em sala apropriada que manteve a privacidade e sigilo dos dados. Desta forma não houve nenhum constrangimento para o sujeito ou comprometimento do sigilo e nenhuma exposição para os sujeitos envolvidos na pesquisa, não causando nenhum comprometimento ao bem estar dos mesmos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para elaboração do perfil sociodemográfico em questão foram analisadas 357 fichas entre os anos de 2018 a 2020 e desse total apenas 23 se encaixavam nos critérios de inclusão. Diante disso,

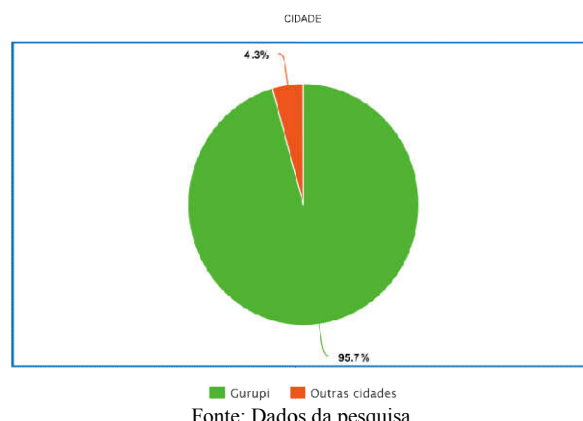
foram levantados os resultados os quais estão ilustrados em gráficos, conforme as categorias do perfil sociodemográfico pesquisado, sendo:



Fonte: Dados da pesquisa

Gráfico 1.

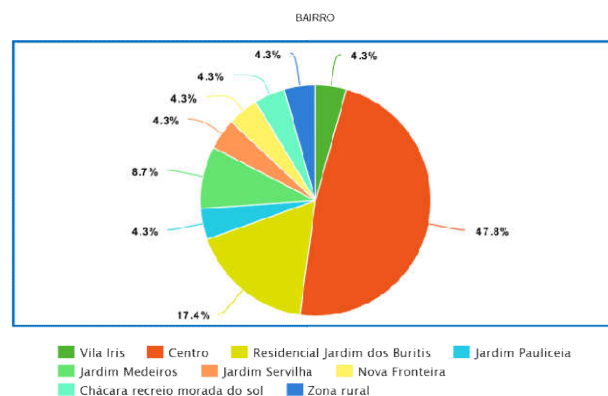
No gráfico está relacionado a idade de cada uma das participantes que estavam em um relacionamento abusivo, do total de 23 fichas 3 tinham a idade de 18 a 20 anos, de 21 a 30 anos apresentou a quantidade de 11 mulheres, de 31 a 40 anos teve 6, dos 41 aos 50 anos apenas 1 mulher e de 51 a 60 anos constata 2 mulheres. Assim verificou-se que a faixa etária predominante nas fichas pesquisadas foi a de 21 a 30 anos com 47,8%. Foi verificado também que conforme as mulheres vão envelhecendo a quantidade das mesmas com queixas de relacionamento abusivo vão diminuindo.



Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 2

O gráfico traz dados sobre a cidade que residem as mulheres que procuraram o SEPSI, sendo que a maior quantidade de mulheres que estavam em relacionamento abusivo é da cidade de Gurupi apresentou a quantidade de 22 mulheres com 95,7% e apenas 1 era de outra cidade da região Sul do estado do Tocantins. Desse modo, se percebe que buscaram ajuda no SEPSI e residem na mesma cidade, algo que facilita na intervenção psicológica do atendimento das mesmas, pois quem reside em outra cidade dificulta estar comparecendo para o atendimento.



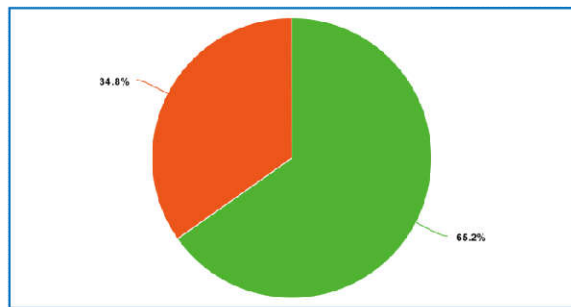
Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 3.

O gráfico apresenta os principais bairros residenciais dessas mulheres, no setor Vila Iris teve uma mulher, setor Central 11 mulheres com 47,8%, setor Residencial Jardim dos Buritis 4 mulheres com 17,4%, Jardim Pauliceia 1 mulher, Jardim Medeiros 2 mulheres, Jardim Sevilha 1 mulher, Nova Fronteira 1 mulher, Chácara Recreio Morada do Sol 1 mulher e na zona rural 1 mulher. Verificando-se que a maioria reside no centro da cidade. Na pesquisa teve outros bairros obtidos, porém os dois bairros foram os que tiveram maior porcentagem foram o setor Central e Residencial Jardim dos Buritis, são os bairros que ficam mais próximos do SEPSI. No caso as pacientes têm mais facilidade de estar comparecendo ao atendimento.

O gráfico traz os dados sobre o estado civil de cada uma das participantes 9 relataram serem solteiras com 39,1%, 12 casadas com 52,2%, 1 divorciada e 1 namorando. Portanto, sendo a maioria casada.

TRABALHA FORA

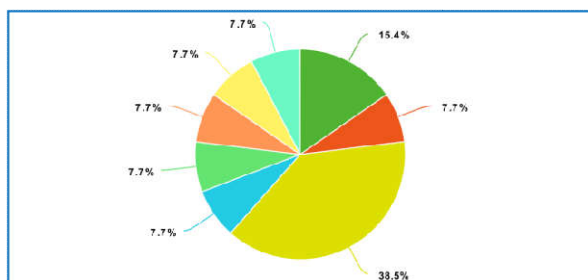


Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 4

O gráfico ilustra a quantidade de mulheres que desempenham alguma atividade remunerada e assim 15 relataram que trabalham representando 65,2% e 6 que não desempenham nenhuma atividade remunerada. Portanto, percebe-se que a maioria do público alvo dessa pesquisa tem atividade remunerada.

PROFISSÕES

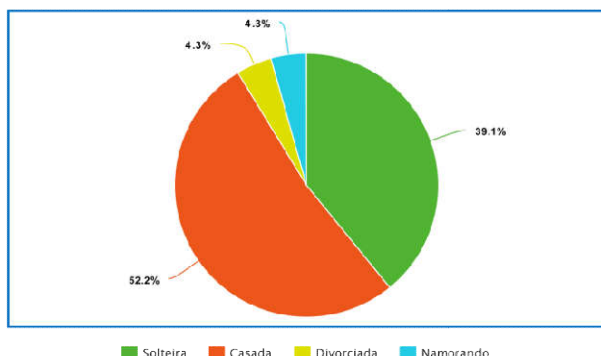


Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 5.

A partir do gráfico anterior o gráfico acima traz as atividades laborais de cada uma sendo 2 vendedoras, 1 autônoma, 5 estudantes com 38,5% sendo então a maioria, 1 supervisora de correspondente bancária, 1 interprete de libras, 1 servidora pública, 1 secretária e 1 manicure, revelando profissões diferenciadas no público alvo.

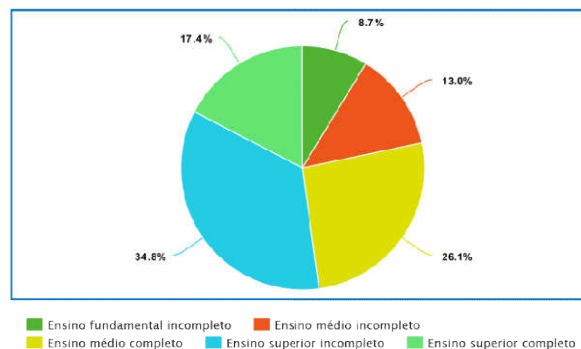
ESTADO CIVIL



Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 6.

GRAU DE INSTRUÇÃO

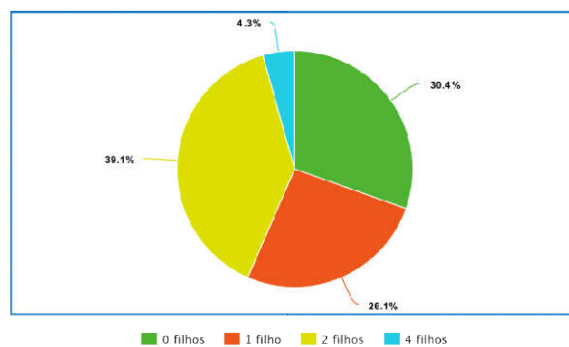


Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 7

O gráfico traz o levantamento do grau de instrução das participantes e 2 tem o ensino fundamental incompleto, 3 o ensino médio incompleto, 6 o ensino médio completo, 8 no ensino superior incompleto sendo 34,8% e 4 ensino superior completo. Dessa forma, percebe-se que a maioria das mulheres tem ensino superior incompleto, o que representa que essas mulheres são qualificadas com um estudo e tem maior possibilidade de ter conhecimento sobre uma relação abusiva.

QUANTIDADE DE FILHOS

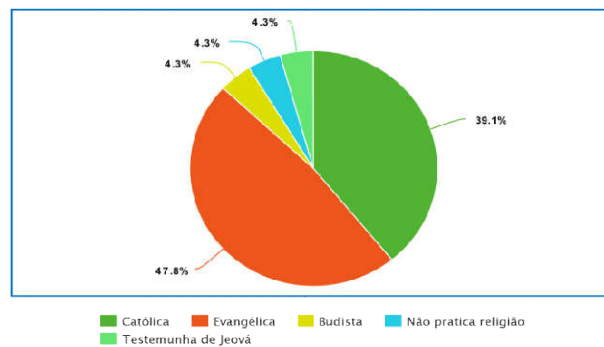


Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 8

O gráfico apresenta a quantidade de filhos de cada uma das mulheres que participaram e 7 disse não ter nenhum filho, 6 tem apenas 1 filho, 9 tem 2 filhos sendo 39,1% e 1 mulher disse ter 4 filhos.

RELIGIÃO



Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 9.

O gráfico traz o levantamento da religião predominante entre essas mulheres e 9 disse ser católica, 11 evangélicas com 47,8% sendo a maioria, 1 budista, 1 testemunha de Jeová e 1 não pratica nenhuma religião. Estes dados são corroborados com o aporte teórico, pois se encontra informações de que a religião pode influenciar no

comportamento da mulher perante uma relação abusiva, na questão de não denunciar e de também permanecer naquela relação que não faz bem para a mesma (PEREIRA, CAMARGO E AOYAMA (2018)).

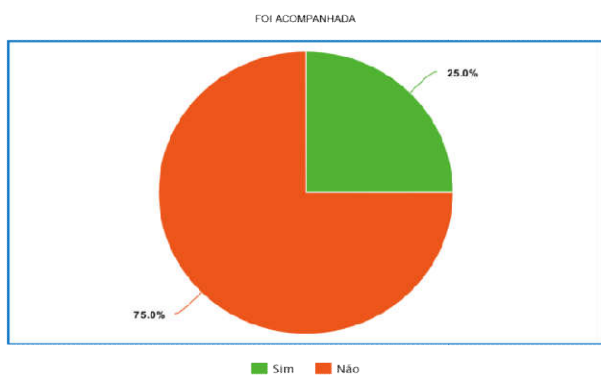


Gráfico 10

O gráfico acima é sobre se essas mulheres foram acompanhadas ou não ao atendimento psicológico e 6 disseram que teve um acompanhante e 18 foram sozinhas para o atendimento sendo 75,0%. O que pode indicar que determinada paciente pode não ter uma rede de apoio para ajudá-la. Existem promotores importantes no rompimento de uma relação abusiva e o essencial é a rede de apoio. (BARRETO, 2018).

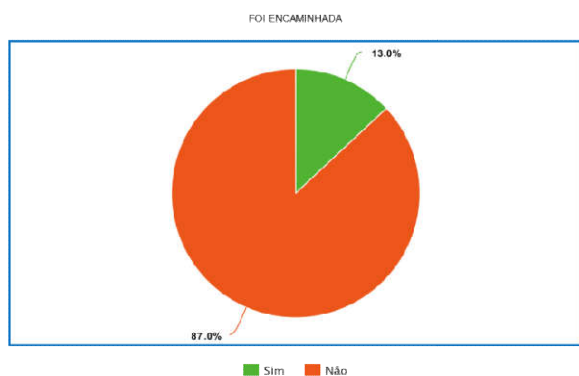


Gráfico 11

O gráfico apresenta quantas dessas mulheres tiveram algum encaminhamento institucional para o atendimento psicológico e 3 disseram que tiveram esse encaminhamento e 20 sendo 87,0% foram por conta própria mesmo buscar o atendimento. Alguns dados relevantes surgiram com a pesquisa de dados, sendo um deles qual instituição que encaminhou a paciente. A partir dos dados apresentados anteriormente foi possível observar as principais instituições que encaminharam essas mulheres e foi através do conselho tutelar/clínica da mulher e UBS.

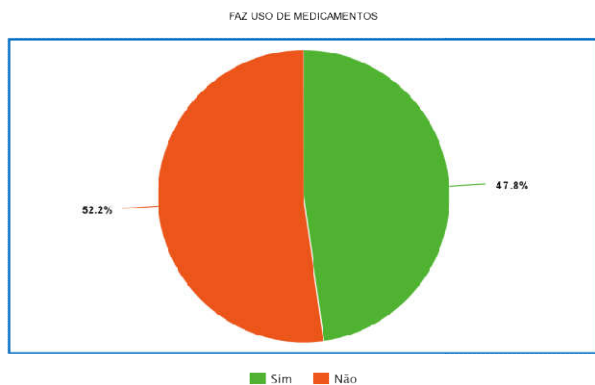


Gráfico 12

O gráfico apresenta quantas dessas mulheres fazem o uso de medicamentos e 11 disseram fazer esse uso e 12 não fazem uso de nenhum de medicamentos. É importante salientar que durante a pesquisa surgiu os tipos de medicamentos que estas mulheres fazem uso. Os principais medicamentos foram anticoncepcionais, calmante, para tireoide, ansiolítico, venlafaxina, amitriptilina, vasopril, rivotril, subliquis e carbonato de lítio. As queixas que foram mais comuns entre essas mulheres foram: agressões físicas, psicológicas, ameaças, autoritarismo, ciúme possessivo, ligar várias vezes, perseguições, essas mulheres relatam medo de sair de casa, auto estima baixa, ansiedade, depressão, algumas denunciaram o agressor e estão com a medida protetiva. Comparando os resultados obtidos com as hipóteses onde foram colocados que o perfil sociodemográfico dessas mulheres que estão propensas a permanecerem em relacionamentos abusivos são baixo nível de escolaridade, com filhos e sem ocupação laboral que permanecem nos relacionamentos em função da dependência econômica do agressor, foi possível notar que nos resultados o nível de escolaridade da maioria dessas mulheres que foram selecionadas as fichas não é baixo, a maioria tem 2 filhos e a maioria tem ocupação laboral (MOURA, NETTO E SOUZA (2012). A média nacional de acordo com Cerqueira, De Moura e Izumino (2019), não é possível obter, pois há uma falta em elementos que possam traçar um único perfil nacional das mulheres que estejam em um relacionamento abusivo, mesmo que isso traga benefícios para minimizar tal violência, pois a falta de um sistema estatístico que unifique todas essas informações limita a atuação dos profissionais em cada estado, dessa forma não é possível aplicar técnicas e estratégias iguais no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível observar que a pesquisa atingiu seus objetivos primários e secundários, com relação ao perfil dessas mulheres, que apresentaram oposição ao que se esperava, ou seja, a grande parte dessas mulheres apresentaram o ensino médio completo e trabalham fora, o que é um ponto que se difere com relação a bibliografia encontrada e as hipóteses levantadas. Porém alguns dados se mantiveram iguais aos estudos, como ter pelo menos dois filhos e manter o estado civil de casada, dessa forma é perceptível observar que em Gurupi o perfil das mulheres atendidas no SEPSI é oposto ao perfil encontrado em outras cidades. A partir dessa pesquisa foi observado que na cidade de Gurupi poucas mulheres conseguem buscar ajuda voltado para essa temática e principalmente não conseguem fazer essa identificação, conseqüentemente torna difícil a atuação de profissionais, outro ponto que deve ser salientado é que fatores culturais tem grande importância no comportamento dessas mulheres em se manter ou não em um relacionamento abusivo. Portanto a pesquisa ainda apontou a lacuna de conhecimento existente na prática do psicólogo na sua atuação com caráter preventivo, diante disso sugere-se que sejam feitos estudos voltados para a atuação desse profissional, para que seja possível desenvolver campanhas tanto em universidades como em órgãos que apoiem essa causa, possibilitando atuar e desenvolver práticas de trabalho em grupo e individual.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Raquel Silva. Relacionamentos abusivos: uma discussão dos entraves ao ponto final. 2018. Revista Gênero, v. 18, n. 2. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31312>. Acesso em: 4 out. 2021.
- CERQUEIRA, Daniel; DE MOURA, Rodrigo Leandro; IZUMINO, Wânia Pasinato. Participação no mercado de trabalho e violência doméstica contra as mulheres no Brasil. Texto para Discussão, 2019. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2501.pdf. Acesso em 10 out. 2021.
- CUNHA, Jessica Rodrigues da. Violência doméstica contra a mulher na relação conjugal. 2018. Disponível em: <http://186.251.225.226:8080/bitstream/handle/123456789/104/Cunha%20Jessica%20Rodrigues%20da%202018.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 6 out. 2021.

- DA ROCHA, Roberta Zanini; RODEGHERI, Paola Galeli; DE ANTONI, Clarissa. Rede de apoio social e afetiva de mulheres que vivenciaram violência conjugal. *Contextos Clínicos*, v. 12, n. 1, p. 124-152, 2019.
- DE SOUZA PEREIRA, Daniely Cristina; CAMARGO, Vanessa Silva; AOYAMA, Patricia Cristina Novaki. Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: Um estudo prático. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 20, n. 2, p. 10-25, 2018. Disponível em: <http://rbtcc.webhostusp.sti.usp.br/index.php/RBTCC/article/view/1026>. Acesso: 9 out. 2021.
- GIL, Antonio Carlos et al. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/213838/000728731.pdf?sequence=1>. Acesso em 23 out. 2021.
- MOURA, Maria Aparecida Vasconcelos; NETO, Leônidas de Albuquerque; SOUZA, Maria Helena Nascimento. Perfil sociodemográfico de mulheres em situação de violência assistidas nas delegacias especializadas. *Escola Anna Nery*, v. 16, n. 3, p. 435-442, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452012000300002&script=sci_arttext. Acesso em: 6 out. 2021.
